



NEUROARQUITETURA: O PROJETO COMO ATO ÉTICO DE CUIDADO

João Paulo Lucchetta Pompermaier¹

Vivemos um tempo de intensas mudanças globais, onde o ato de projetar deixou de ser apenas uma composição de volumes, fluxos, funções e materiais: tornou-se um ato ético de cuidado. Esta edição temática da Revista Infinity nasce dessa convicção e da responsabilidade epistemológica que ela impõe: entender o projeto como prática que transforma não só o corpo, mas os modos de perceber, sentir e pensar. Organizada a partir dos trabalhos selecionados para os Anais do 2º Seminário Internacional de Neurociências e Arquitetura promovido Grupo de Estudos e Pesquisas em Neurociências e Arquitetura (GEP-NeuroArq), sob a temática “Projetando o Futuro: Neuroarquitetura e os Desafios Contemporâneos”, ela reúne contribuições que traduzem o esforço de transformar conhecimento científico em instrumentos projetuais orientados para o cuidado humano.

A Neuroarquitetura, em linhas sintéticas e sem reduzir seu alcance, trata-se de um campo interdisciplinar que integra conhecimentos das neurociências, da psicologia e das ciências do comportamento, no processo de projeto. Em vez de depender apenas do juízo estético ou da intuição profissional, a Neuroarquitetura busca entender como estímulos espaciais modulam processos perceptivos, cognitivos e emocionais.

A importância dessa perspectiva torna-se evidente quando observamos os desafios contemporâneos que a apresentação dos anais tão bem descreve. Mudanças climáticas, eventos extremos, perda da biodiversidade, crises de saúde mental, envelhecimento populacional, urbanização acelerada e transformações tecnológicas profundas, forças que rearticulam a relação entre indivíduo, comunidade, espaço habitado e território. Projetar para o futuro não pode mais ser um exercício apenas de estética, tendências ou otimização de custos: exige compromisso ético, evidência científica e uma atitude prospectiva que considere a adaptabilidade dos espaços frente a incertezas emergentes. A Neuroarquitetura, ao articular dados sobre

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Arquiteto e Urbanista. E-mail: joaopaulopompermaier@gmail.com

comportamento e bem-estar, insere no centro da prática projetual uma ambição que sempre foi sua promessa mais nobre: o cuidado.

Ao tomar como base as contribuições do 2º Seminário, esta edição busca duas finalidades complementares. Primeiro, consolidar um corpo de conhecimento crítico e plural: textos que mapeiam evidências, relatam experimentos, estudam casos e teorizam interfaces entre cérebro e ambiente. Segundo, situar essas evidências nos contextos reais da atuação profissional: habitações, hospitais, escolas, ambientes comerciais, locais de trabalho, espaços urbanos, entre outros, que devem responder tanto às necessidades presentes quanto às demandas futuras. Os trabalhos que você encontrará nesta edição são o resultado de um diálogo entre a teoria e a prática, uma síntese do que de melhor foi discutido no seminário. Eles exploram a Neuroarquitetura como um campo estratégico, capaz de unir neurociência, psicologia, arquitetura e urbanismo.

Os desafios contemporâneos exigem ainda esforços organizados: o diálogo entre pesquisadores de diferentes campos, profissionais da arquitetura, engenharia e da saúde, formuladores de políticas públicas e usuários finais, deve ser estruturado desde as etapas iniciais do projeto. A colaboração entre os diferentes atores será decisiva para que as ideias aqui reunidas se revertam em impacto real.

Finalmente, aproprio-me, com respeito e admiração, de uma reflexão apresentada pelo arquiteto Lorí Crízel no prefácio do recém-lançado livro “Neuroarquitetura: projetando ambientes para os desafios contemporâneos” e a trago para este editorial, com o intuito de reforçar uma ideia talvez simples, porém frequentemente esquecida: “projetar é, antes de tudo, um ato de cuidado”. Espaços bem pensados não resolvem todas as fragilidades humanas, mas ampliam as possibilidades de enfrentamento, aprendizado e convívio. Os textos aqui reunidos, frutos do vigor intelectual do GEP-NeuroArq e de sua rede nacional e internacional, demonstram que a Neuroarquitetura pode e deve ser um vetor de políticas públicas e práticas profissionais que priorizem a saúde mental, o bem-estar coletivo, a inclusão social e a promoção de comportamentos pró-ambientais.

Agradeço ao GEP-NeuroArq, aos organizadores do 2º Seminário Internacional de Neurociências e Arquitetura, aos autores e avaliadores que permitiram a seleção rigorosa dos trabalhos, e à equipe editorial da Revista Infinity por acolher esta edição temática. Convido leitoras e leitores a percorrerem os artigos com espírito crítico e

aplicado: que as evidências e reflexões aqui reunidas inspirem projetos que sejam, antes de tudo, instrumentos de cuidado.

Que esta edição seja, como os próprios anais propõem, um ponto de partida: para práticas mais sensíveis, para políticas mais informadas e para uma formação profissional que reconheça no encontro entre cérebro e ambiente uma dimensão ética do fazer arquitetônico.

Boa leitura!